

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO — Administrador—PEDRO NUNES DE FREITAS

Uma instituição modelar

A Oficina de S. José

Já em alguns escrevemos que «a Caridade, essa jovem mulher rodeada pelos filhos e idealizada numa mesma comunhão de sentimentos pelos artistas Andrea del Sarto e Paulo Veronese, é, em linguagem corrente, a virtude que nos leva a desejar e a praticar o bem para com o próximo. Praticando-a, sentimo-nos satisfeitos, reconhecemos ter uma bondade significativa, uma nítida compreensão sobre a moral e uma fraternidade sem distinção. Considerámo-la um desejo de querer ser útil, uma obra de misericórdia, um dever e um carinho, e temos sempre bem presente na memória a sua simbólica figura, tecida na dor e coloridas por tintas magoadas e sombrias».

Embora, hoje, reconheçamos que a Caridade não deve ter aquele significado filosófico que os pensadores lhe deram, aceitámo-la, no entanto, por saber que a organização das sociedades peca ainda muito em corrupção para poder atingir a perfectibilidade e a abolição da esmola — o que vem sendo desejado por todos os espíritos cultos, ciosamente práticos e sublimadamente morais.

A Oficina de S. José

Como o indica a divisa da casa
Ao Humilde,
Pão, Ensino e Trabalho

Esta bela instituição foi fundada no ano de 1915, mercê dos esforços beneméritos dos saudáveis dr. Manuel Moreira Júnior, P.º Gaspar Roriz e P.º Manuel Ferreira Ramos, e também da prestimosa colaboração dos srs. Luís Cardoso de Menezes, P.º Domingos Gonçalves e drs. João Martins de Freitas e Fernando Gilberto Pereira, que, não se poupando a sacrifícios, vieram preencher uma grande lacuna na beneficência cittadina, dando asilo às criancinhas abandonadas e enrijando-as numa educação que as preparasse para vencer a miséria que as espreitava — contribuindo deste modo: *Pão, Ensino e Trabalho* — para a salvação de quem inocentemente parecia afundado no lodçal da mais vergonhosa das existências. Conseguida a casa para o seu funcionamento, cedida pelo sr. António Leite de Castro e sita na freguesia da Costa, três anos depois a sua instalação fez-se num edifício mais apropriado, graças à pertinácia e canseiros esforços do então deputado por este círculo, sr. dr. Mariano da Rocha Felgueiras, que conseguiu do Governo da República a cedência, a título precário e por 19 anos, do antigo Convento das Capuchinhas.

Das fins desta instituição

Mas, não pára o esforço ingente da Comissão Fundadora que cria uma instituição tão útil como necessária num dos mais populares centros nortenhos. São criados os *Estatutos* e, como por milagre, vê-se que não foi em vão que elaboraram os seus articulados, graças ao temperamento bondoso e devoto carinho dum dos seus componentes — o actual Director, rev. P.º Domingos Gonçalves.



Alberto Teixeira Carneiro
Benemérito das Oficinas de S. José

Surtem as oficinas de Tipografia, Sapataria, Alfaiataria e Carpintaria a par duma escola primária frequentada não só pelos 50 internados mas também por externos. Com a boa-vontade do nosso presado



P.º Domingos Gonçalves
Fundador e Director das Oficinas de S. José

contrerrâneo, sr. Alberto Teixeira Carneiro, foi criada uma *Banda* que é também uma bem regulada *escola* de música. E garantida a venda da produção, constatamos que a Oficina de S. José movimenta perto duma centena de contos, a equilibrar uma despesa de Esc. 96.858\$25, onde a verba de Pessoal Maior (mestres) atinge a linda cifra de Esc. 24.380\$00.

Os recursos da Oficina

Porque a cedência do edifício não especificava os terrenos do antigo convento, nos primeiros anos as dificuldades foram sérias e a Oficina de S. José viveu uma vida económica, administrativamente económica, para conseguir agilitar o reduzido número de internados que ia recolhendo.

Em 1918, o nosso contrerrâneo e então Governador Civil do Distrito do Porto, sr. Major Alberto Margaride, consegue a adjudicação da quinta do antigo convento, beneficiando de sobremaneira as receitas desta instituição modelar. Apesar dos solícitos cuidados que merece a chamada «*cêrca*», fora o rendimento da quinta, a despesa de manutenção atinge o quantitativo de Escudos 23.565\$95, como no-lo regista o balanço do último ano económico.

Diz-nos o rev.º Director: — A quinta foi o principal recurso desta benemerente instituição. Vamo-la trabalhando com persistência, e, graças à «*fórmula Mota Prego*», temos um campo — que é o nosso tesouro — que já nos deu este ano 7 carros de pão afora o restante plantio que produz. A lavoura minhota continúa rotineira e agarrada aos processos antigos. O nosso lavrador é assás desconfiado para poder acompanhar o Progresso. Pois, meu caro, o nosso campo, que não é dos maiores, tem servido de lição para aqueles que só entendem bem fazer produzir a terra pelos antiquados processos. Eles pasmam e as bocas abrem-se-lhes naturalmente. O auxílio da «*fórmula Mota Prego*» veio trazer-nos a melhor e a maior esmola, e, outrossim, o estímulo para a lavoura do concelho. Fizera-se também umas ramadas, e já os internados podem beber uma «*pinguinha*», aos domingos, o que esperamos poder tornar mais farto.

— E da caridade pública, advém algum rendimento?

— Do Estado recebemos Esc. 6.300\$00. Como vê, o suficiente para se continuar a viver em regime deficitário. Não fora a acção do sr. A. L. de Carvalho, na Junta Geral do Distrito, que nos favoreceu e paga o internamento de 12 rapaziños, a Esc. 90\$00 por mês, logo teríamos de usar da arte do equilíbrio para não ter de dar «*tratos de polé*» à imaginação. A caridade particular está muito reduzida, alegrando-nos de sobremodo o que este ano pudemos recolher — o que representa um ano excepcional.

— Mas, diga-nos: a Oficina não tem outras despesas?

— Tem, e largas. Veja o montante do que se gastou em obras. Perto de treze contos! Quando para aqui viemos, só tinhamos paredes, e nada mais. A primeira grande obra foi o arranjo dum salão para servir de dormitório. Depois, seguiu-se outra obra importante: a construção dos lavatórios e retretes, com água encanada. Actualmente, porque recebemos 75 contos pelo Fundo do Desemprego, iniciamos a obra de maior vulto e que de há muito se impunha: — a construção da ala do nascente, onde ficarão a enfermaria, a escola, e dois outros salões que poderão ser adaptados a dormitório e salão de festas.

— E isso basta?

— Oh, é muito! Porém, logo que recebamos a herança do saudoso José da Costa Ladeira, então, sim, já poderemos dizer que a Oficina de S. José já mais morrerá. O nosso capital é diminuto, 27

ves — espécie de «*topa-a-tudo*» e educador capaz.

E ao retirarmo-nos da secretaria para iniciar a visita ao edifício, lembrávamos a nossa infância, sentido ainda o peso



P.º Avelino Borda
Sub-Director das Oficinas de S. José

das suas palmatoadas quando a irrequeititude nos assaltava, mas de sobremaneira agradecidos pelos belos ensinamentos que nos deu, tão bons, que suprimam todos as dificuldades que nos poderiam surgir na vida e no mistério que francamente abraçamos.

A Visita ao Edifício e Cêrca

A primeira secção que nos foi franqueada admirar foi a Tipografia. Belamente instalada, movida a electricidade, dotada de boas máquinas, merece menção especial, dada a boa-ordem que ali fomos encontrar e o sem número de trabalhos que apreciamos. Segue-se a Sapataria, funcionando provisoriamente no Claustro, devido às transformações que vem sofrendo a ala do nascente. A escola, também funcionando provisoriamente na sala de jantar. A Cozinha, com o seu forno, típica, com a sua

miné de fogão de sala, elevada, quase a perder de vista. Os quartos dos perfeitos que eram as antigas celas conventuais. O dormitório, arejado, cheirando ao lavado e belamente disposto. Já no quintal, o aviário, circulado de rede e as pocilgas e estábulos cheios com os porcos e criações e as vacas que fornecem o leite para consumo e vão puxar a carroça que anda pelas casas a angariar a lavagem para os animais. A oficina de Carpintaria, voltada ao poente, com serra mecânica e regorgitando de obra. O antigo tanque das barreiras, com um fio de água sempre cantante. Talhões de plantio de cebola e batata. Finalmente, o campo de maravilha, onde um internado cega erva para o gado — dotado duma bomba e um enorme tanque para a sua rega — quase despidido de árvores, pedindo simplesmente uma ramada à volta.

Benfeitores

Na sala da entrada, foi-nos dado admirar o retrato daqueles que protegeram ou vem acarinhando uma das mais simpáticas instituições de beneficência da nossa cidade. António José Fernandes, rapaz novo e falecido em 1917 — o 1.º doador da Oficina com a importância de Esc. 500\$00. Conde Margaride, José António Fernandes Guimarães e José Pinto da Silva. A figura beatífica de D. João Bosco, há pouco canonizado, e o

retrato do fundador e director, rev.º Domingos da Silva Gonçalves.

Gema comovedora

Quando passávamos na Sala de Jantar, num quatinho ao fundo enxergamos um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade, que, atarefadamente, costurava. Indagamos da sua permanência ali. Foi o sr. P.º Domingos quem nos elucidou:

— Vêm aqui tôdas as quartas-feiras remendar as roupas dos rapaziños. Se não fossem elas, como agüentar mais essa despesa?

Humedeceram-se-nos os olhos de lágrimas — e registamos esta caridade feita sem espanto ou réclame timbalreiro.

O P.º Borda

Rapaz novo, olhos vivos, um queixo bourbônico, ei-lo que entra na secretaria a pedir esclarecimentos de qualquer trabalho ao sr. Director, sendo-nos apresentado por Alberto Teixeira Carneiro como «*sub-director*». Inteligente, usufruindo um ordenado que representa uma ridicularia, é vê-lo mechedido, azafamado, sem ostentações, compenetrado da sua função de sub-director, tratado como um irmão mais novo, humilimo e simples — o braço direito do P.º Domingos Gonçalves.

Albano de Sousa Guize

Toda a gente conhece o filho do Guize, *carcereiro*, e que há anos reside no Brasil. Antigo marçano do *Alémão*, lidou de perto com o sr. Alberto Teixeira Carneiro, então marçano dos Costas, da rua de Santo António, e, como ele, revelou-se um fervoroso apaixonado do bem-fazer — verdadeiros auxiliares das nossas instituições de beneficência. Quando este último, por seu desvelo e carinho, angariou os meios necessários para a organização da Banda de Música, numa das vindas de Albano Guize, a Portugal, interessou-o de tal maneira, que aquele nosso presado contrerrâneo não pôde resistir à tentação de se inscrever com 500 escudos para a compra de novos instrumentos, prometendo interessar a nossa colónia no Brasil por esta tão prestante instituição, ampliando a sua esmola com a dos vimaranenses que labutam longe da Pátria e da terra.

Certos que Albano de Sousa Guize em breve verá satisfeitos os seus desejos, e do seu companheiro do comércio, aqui lhe prestamos a devida homenagem, fazendo votos pelas suas prosperidades e pela felicidade da sua Ex.ª Família.

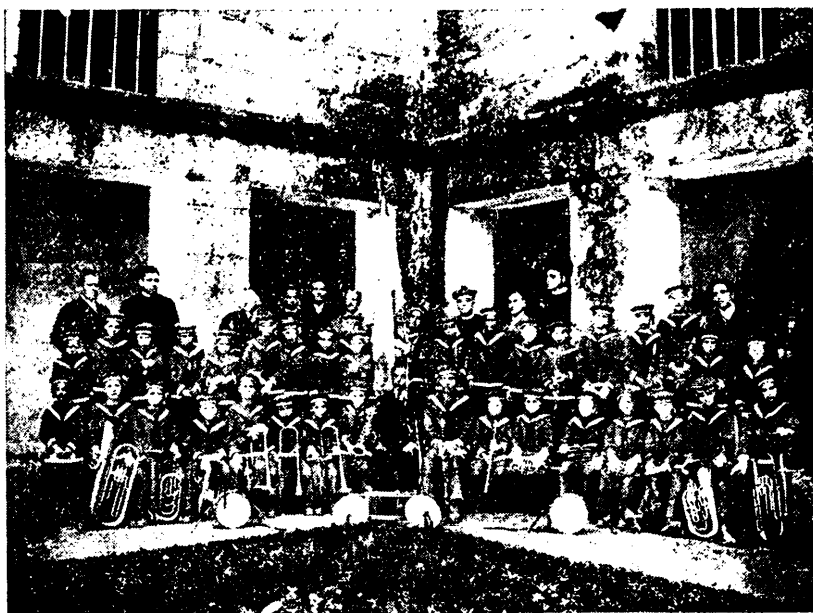
Para findar

Fazer o elogio do rev.º Domingos da Silva Gonçalves torna-se desnecessário. A sua vida de trabalho e canseira, naquele refúgio do Bem, dão-lhe direito à estima de todos os vimaranenses e ao penhor da gente humilde e pobre.

Verdadeiro educador, sacerdote mo-



Albano de Sousa Guize
Benemérito das Oficinas de S. José



Direcção e banda das Oficinas de S. José, no dia da inauguração da banda

contos, mas... depois, poderemos elevar o número de internados para 60 rapazes e garantir a existência desta obra altamente benemerente.

— E dos resultados pedagógicos da escola e eficiência do trabalho das oficinas?

— Sobre o ensino escolar, devo confessar-lhe que nunca tivemos uma «*rapoza*».

A *cêrca* do ensino adquirido nas oficinas, cumpre-me informá-lo que já temos secções a cargo de internados — a Tipografia, por exemplo.

— E recebem qualquer remuneração pelo seu trabalho?

— Sim, senhor. Vencem um ordenado, pequeno é certo, mas que lhe vai sendo depositado no Banco e que, quando atinjam o limite da idade, lhes dará o bastante para poderem vencer na vida. Além dum estímulo, achamos que é a mais sublime e benemérita acção que uma casa destas pode praticar — garantir ao internado os meios necessários para começar a trabalhar.

— E' deveras notável, e pela ordem com que tudo decorre e pela larga acção desenvolvida adentro desta casa, só teremos de felicitar o seu carinhoso e afável Director — o rev.º Domingos Gonçal-

Monumentos Militares

Das virtudes militares, a camaradagem é das mais simpáticas, e por isso, gostosamente, venho trazer um testemunho, modesto mas muito sincero, à benemérita propaganda para se erigir um monumento em Guimarães aos Mortos da Grande Guerra, secundando o apelo já brilhantemente formulado na imprensa local por um antigo camarada.

Um combatente de África vem apresentar o seu testemunho, e se esta circunstância despertar mais adesões para conseguir levar até final este patriótico empreendimento, todos nos devemos regosijar. Se a Brigada do Minho, que combateu em França, deixou profundas saudades, pelo seu reconhecido espírito de camaradagem, também devemos recordar com respeito o sacrifício do batalhão de infantaria n.º 31, das guarnições do Norte de Portugal, que foi disimado pelo clima mortífero da Niassa, em 1917. Este episódio doloroso das campanhas de África foi uma situação angustiosa, comparável àquelas da nossa antiga história trágico-marítima, merecendo esse sacrifício pela conservação do nosso património ultramarino, que as gerações vindouras o recordem como exemplo da tradicional dedicação dos soldados portugueses.

Na nossa África Oriental há já alguns monumentos levantados aos Mortos da Grande Guerra, sendo o primeiro a ser erigido aquele que se elevou quando a mortandade do referido batalhão fazia pulsar com sentimento o coração dos seus irmãos de armas.

Ninguém deve olhar com indiferença um monumento militar, e os Padrões da Grande Guerra terão sempre para os portugueses particular valor.

A influência moral dos monumentos é tão grande, que na capital da antiga colónia alemã da África Oriental, quando esta foi conquistada pelos ingleses, tivemos ocasião de observar, ser de noite, as escondidas, como quem comete um sacrilégio, que os vencedores apeavam as estátuas dos imperadores alemães, que ornamentavam os jardins da capital, e, caso curioso, quanto aos monumentos essencialmente militares, representando os heróis da ocupação da colónia alemã, esses foram até respeitados pelos próprios inimigos.

Para nós portugueses, os velhos padrões, que balizavam o periplo de toda a costa africana, são dos monumentos nacionais, aqueles que mais nos emocionam. Qualquer português, sente o coração avolumar-se de orgulho ao contemplar o padrão que se conserva no museu da cidade do Cabo da Boa Esperança, lembrando os cânticos dos Luziadas.

Com grande e louvável persistência muitas povoações da Metrópole e colónias já têm levantado os seus monumentos comemorativos dos Mortos da Grande Guerra, sintetizando o Esfôrço da Raça, com o aniversário do 9 de Abril, e a data do Armistício, como Dia da Paz, em 11 de Novembro. Nestes aniversários, as romagens patrióticas têm um alto significado de educação cívica, que enobrecer essas povoações.

A deposição de flores nesses monumentos, pelas crianças das escolas tem um grande valor educativo, como também as manifestações cívicas e militares, de respeito e solidariedade, têm um alto significado patriótico, que se opõe à propaganda terrivelmente demolidora dos ideais da Pátria, das tradições seculares e até dos interesses nacionais mais evidentes, como seja a conservação do nosso património ultramarino.

Esses monumentos fortalecem a união nacional e aos olhares estrangeiros, impondo também respeito, devem ser considerados como demonstrações de elevada cultura moral, cívica e artística.

Oxalá que ainda no corrente ano, a cidade de Guimarães, ilustre por tantos títulos, possa pagar a sua dívida aos Mortos da Grande Guerra, levantando um belo monumento, que ainda mais valorisa a primeira capital da nossa gloriosa nacionalidade.

1 de Março, 1935.

CORONEL AZAMBUJA MARTINS.

delar, éle e só éle tem sido a alma duma das mais belas instituições de Guimarães, o grande sacrificado da beneficência local, modesto e disciplinador, caritativo e prudente.

O «Notícias de Guimarães» saúda-o e curva-se reconhecido pela sua grande obra — a corda de glória da nossa Terra.

L. C.

COISAS & LOISAS

VERDADES QUE DEVEM SER DITAS

O problema do saneamento e limpeza da cidade é um daqueles que mais carece de um profundo estudo e, por conseguinte, da atenção da edilidade vimaranense, a fim de não continuarmos a sofrer as terríveis consequências da falta de uma e outra coisa.

Argumenta-se — e este argumento é já muito velho — com a falta de dinheiro, tanto mais que a verba a dispendir terá de ser muito grande. Até aqui está certo, porque, de facto, o Município não tem abundância de recursos — e disto me occuparei em ocasião oportuna — para fazer face às despesas provenientes deste importantíssimo melhoramento, mas o que não está certo é que o saneamento e limpeza da cidade continuem eternamente esquecidos. O facto das finanças Administrativas não darem margem a grandes empreendimentos não justifica o que se tem passado, até hoje, sobre o assunto, com a agravante de estar sobejamente reconhecida a necessidade de se fazer o que é de maior urgência quanto a este caso. De mais a mais, é preciso que Guimarães seja recompensada com alguns benefícios, porque não é só de sacrificios e de ingratidões que ela pode continuar a viver, como o exigem as suas tão célebres tradições históricas, que lhe dão absoluto direito a ser uma terra progressiva e inteiramente dignificada. Não falando nas contribuições que paga ao Estado, as quais atingem o limite máximo do que é possível pagar-se, Guimarães contribui com uma verba de centos de contos para o Fundo do desemprego, de cuja importância seria justo que saísse uma percentagem com a qual se promovessem os indispensáveis melhoramentos, designadamente o saneamento e a limpeza, sem prejuízo de outros que também são precisos. Se a receita do Fundo do desemprego, no concelho de Guimarães, pode atingir, mais ou menos, quinhentos contos anuais, não seria favor contemplar esta terra com uma quantia elevada para auxiliar a realização dos benfeitores reclamados pela sua população. Várias terras do País assim o têm conseguido, não se compreendendo que o contrário tenha acontecido em Guimarães. Será uma questão de sorte? Será uma questão de maior actividade e de mais persistência da parte das pessoas que tomaram sobre si o compromisso e o encargo de velar ardentemente pelo engrandecimento dessas terras? Será, ainda, uma questão de maior intimidade de relações entre essas pessoas e as que representam o Poder Central? Qualquer destas circunstâncias pode influir no progresso de uma terra, e com muitas probabilidades a última, motivo por que nunca

se devem pôr de parte aquelas pessoas que pelas suas relações e pela sua intimidade com quem *pode e manda* muito podem conseguir, sobretudo, quando não há necessidade de ultrapassar a barreira da justiça. Ter-se-á feito assim em Guimarães? A resposta só poderá ser dada pelo critério daqueles que tenham seguido atentamente tudo o que se tem passado. Mas, em qualquer das hipóteses, a realidade dos factos é, infelizmente, esta: O povo de Guimarães, que sempre se notabilizou pelas suas qualidades de educação, de correcção e de trabalho, vê o progresso da sua terra completamente definhado, não obstante ter jús a ver o contrário. Esta é que é a pura verdade, porque ninguém, bem intencionalmente, pode afirmar o contrário. Não quero criar responsabilidades a ninguém, mas, como já o tenho dito, essas responsabilidades só podem caber a quem não se compenetrar do dever de pugnar, tanto quanto for possível, pela efectivação das aspirações dos vimaranenses, que poderiam estar satisfeitos, pelo menos em parte, se junto do Governo se tivessem feito as devidas e aconselhadas demarches, seguindo-se, desta forma, o exemplo do que se tem passado em outras localidades, cujos representantes não a têm desanimado nem esmorecido perante as primeiras dificuldades que, por ventura, tenham encontrado. E tirada esta conclusão, uma outra nos aparece — a de que o Governo não deixa de atender quem sabe pedir justiça, sabendo ao mesmo tempo, interessar-se por ela. Se os vimaranenses e principalmente os seus representantes assim o fizessem, teriam obtido resultados mais satisfatórios, não deixando chegar tanto perto do abismo o progresso de Guimarães, reduzido, hoje, à iniciativa e ao trabalho daqueles que não desistiram de evitar o desaparecimento do nome sempre heróico e glorioso da terra que se ufana de ser o Berço da nacionalidade portuguesa.

COMENTÁRIOS SOBRE A DEVOLUÇÃO DO «NOTÍCIAS»

O sr. Manuel da Silva Leite, comunicou, por escrito, ao sr. Director do «Notícias de Guimarães», a resolução que havia tomado de devolver este Jornal, à acção do qual ainda há poucos dias se referiu em termos muito amistosos, invocando para isto a sua qualidade de secretário da Comissão de Iniciativa e Turismo de S. Torcato. Depressa, porém, mudou de opinião, o que sempre acontece a quem, como o sr. Leite, despreza os ditames da sua consciência para se orientar pela de outras pessoas, embora calcando a verdade e a justiça. É um tributo de vassalagem, muito em voga nos tempos que vão correndo, e do que o sr. Leite não é o único exemplo, infelizmente. É um facto revelador da imperfeição da sociedade, como tantos outros que dia a dia aparecem à separação. Mas, como estes casos são banais, o sr. Leite não deve ser condenado a pena maior por esta infracção. Eu, como Juiz, apenas o condenaria a não abusar da profissão de jornalista, a qual exige muita prudência, muita correcção, muita independência e muita imparcialidade. E se o *peccado grave* do sr. Leite fôsse unicamente este, não seria por tal motivo que deixava de entrar no Céu, visto que há fraquezas humanas que podem e devem ser perdoadas. Mas vamos propriamente ao caso da devolução do «Notícias», a falta imperdoável que o

Primavera da Vida

Primavera da Vida!
Mas a Morte
Anda a rondar
Sôfrega,
Sem parar!...

Roseira florida!...
E o vento norte
A regelar!...

Canta a Alegria
E a Natureza
Depressa
Se enfeita de flores!
Evohé!...
Aleluia!...

Ouvem-se as frautas dos pastores!...
E os montes
E os valados
Enchem-se de rumores
Enamorados,
Perfumados!...

Cantam as Fontes
Trenos de amor
E sonhos
Luarizados!...

E a Morte sempre,
Negra fera
Sem parar
A rondar,
Fria e desabrida,
A Primavera
Da Vida!...

Março de 1935.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

sr. Leite cometeu. Alega este senhor sentir-se ofendido com o meu *eco* publicado no penúltimo número, intitulado «Extra-Campanha», e, a pretexto disto, escreveu uma carta ao sr. Director do «Notícias», que é um documento que define duma maneira positiva e categorica o sen autor, que enveredou pelo caminho daqueles que nenhuma noção têm dos princípios mais rudimentares da delicadeza. Se o sr. Leite se julgou ofendido, devia desagravar-se nas colunas do mesmo jornal, visto que sempre lhe têm sido franqueadas, e não fazer como fez, lançando sobre o Director da gazeta a responsabilidade do que eu escrevi e imputando-lhe qualidades que ele não possui, ferindo, assim, a sua dignidade, que é a mesma que possuem todas as pessoas de bem. O caminho a seguir para se defender, assim como ao sr. Claro, devia ter sido, pois, o que acabo de indicar e com isto provaria, ao mesmo tempo, que o piar do *Pipi* encontrava pela frente o *cô-cô-rô-cô* dum galo garboso e *senhor do seu bico*. Não quis fazer assim o sr. Leite. Paciência. O «Notícias de Guimarães», continuará a viver sem a sua assinatura, perdida por minha causa, mas já substituída por outra conseguida por meu intermédio. E esta é a única consolação que me resta da atitude tomada pelo sr. Leite, pois custar-me ia prejudicar a vida do jornal, em muito ou em pouco, atendendo aos serviços valiosos que ele está a prestar a esta terra, pondo de parte o pensamento de deturpar o significado da sua existência, isto é, seguindo sempre a divisa — «Por Guimarães», o que nem sempre agrada a todos, como, por exemplo, ao sr. Leite, que adapta o seu baírrismo às *cores do Camaleão*!... E nada mais, porque o que está dito já é o suficiente para o sr. Leite ficar a conhecer o *peccado grave* que cometen. Que a luz do entendimento seja, de futuro, a sua única conselheira, são os meus desejos.

A. C. I.

Alguém se tem visto em *palpos de aranha* para decifrar as três iniciais acima, quando, afinal, a chamada é muito simples: *Assembleia Continua da Invalidez*. Nada mais simples, como se vê.

O caso refere-se a Guimarães.

DEPOIS DA SEMANA DA BONDADÉ

Realizou-se em todo o País, a semana da Bondade. Com um programa variado — Artigos na Imprensa, Conferências, Festas escolares, etc. etc., procurou-se criar, bem profundamente, nos espíritos refractários à expansão do Bem-fazer, o sentimento que toda a criatura culta deve possuir, porque só assim pode integrar-se no dever de dispensar protecção aos semelhantes, aos animais e às próprias plantas. A semana da Bondade foi, pois, uma iniciativa altamente simpática, tanto mais que a sociedade continua a estar bastante distante do grau de perfeição a que já devia ter chegado. Em Guimarães, sobretudo nos estabelecimentos de ensino, segundo me informaram, não passou despercebida. Mas, falar em Bondade, nesta terra, enquanto o Castelo novo estiver a ser uma vítima do *aleijão* que o martiriza e o deforma, é perder tempo, é querer deitar poeira nos olhos de quem justamente condena um Castelo com *orelhas* e... *muletas*. E passa-se isto numa terra onde a água da Penha faz milagres e onde o ventre de muitas Mães tem sido uma escola de grandes sábios!

TESTEMUNHO DE GRATIDÃO

Perpetuar a memória daqueles que de alma e coração enalteceram o nome de Guimarães é um dever de todos os vimaranenses. Bráulio Caldas, o amigo dedicado desta terra, a qual tributou todo o seu Amor e todo o seu Carinho, foi um dos que soube trabalhar por ela e a soube cantar nos seus primorosos versos, nos quais deixou bem gravada toda a dedicação que lhe consagrava, não se esquecendo da encantadora Penha, onde dentro de poucos dias lhe vai ser prestada uma homenagem, a qual os vimara-

Esquema semanal

OS DENTES DO MOLOSSO TEUTÓNICO

Que a Alemanha andava a tecê-las, previu-o toda a gente!
Cega pela paixão do imperialismo, afastada de todo e qualquer idário nobre e pontapeteada pela política arrogante do inverosímil nacional-socialismo, nunca ao povo alemão, ao povo bárbaro e sanguinário, se conheceu outro desejo que não fôsse a desforra, a *revanche* da derrota sofrida, arrogante e decidido, firme em sua audácia, *camouflada* a guerra na teoria «da paz com honra» (General Adam comandante da 7.ª Região Militar Alemã) — atribulária, agressiva e supremamente militarista.
Animam-se as chancelarias, classificam-se-lhes as suas notas de meros «documentos de estilo», sobressalta-se a imprensa, inicia-se o jogo do empurra, os tratados veem-se reduzidos a papeis, e o alarme cresce em forma de avalanche, ameaçador e desmoralizante!
— Que há? — interrogam-se os povos.
— Quem vem lá? — responde a sentinela alemã em atitudes de quem se prepara para meter a espingarda à cara.
E os dias decorrem, brumosos e pesados, lembrando os do meio do ano de 1914...

CORTEJO SINGULAR

Há dias, na Inglaterra, a população da capital assistiu a um cortejo singular e único nos anais da História Inglesa. Centenas de homens, de cabeça descoberta, silenciosos e ordeiros, vieram para a rua empunhando cartazes pedindo a abolição da pena de morte, plenamente conscientes do seu protesto e altamente integrados no seu humanitarismo.
Em horas consecutivas percorreram as ruas londrinas, dando ao povo uma lição que bem merece de todos aqueles que têm um ideal e um coração sensível — incapaz de roubar a vida ao semelhante e também de trair a finalidade da sua existência.

CARAMBA!

Gil Robles, «leader» da C. E. D. A., numa conferência realizada em Granada, durante a qual defendeu uma nova orientação a imprimir à política hespanhola, a si mesmo se intitulou «o homem de pulso de ferro» capaz de assumir a responsabilidade da hora que decorre, esperando simplesmente que o governo lhe caia nas mãos.

— *Caramba! Viva la tu padre!*
Mas... como este mundo é de quem mais apanha, e os tempos vão favonios para os usados da política, «mira» que não há nada impossível, e que a *partemaiere* de D. Alex. é capaz de guindar-se às culminâncias do poder, criando uma Espanha a pensar pela sua cabeça, tal e qual como Hitler criou a sua Alemanha e Mussolini a sua teatral Itália.

COMO A SARDINHA!

Na região de Turão, Espanha, vão comparecer ao Concelho de Guerra os implicados uos acontecimentos revolucionários, ocorridos em Outubro último, esperando-se que o promotor de justiça peça 25 penas de morte para 66 réus que ali serão julgados.

— *Olé! Olé!*

Um quarteirão delas, a saltar vivinhas ou a esperar na força — eis o que importa à Ordem dos *nuestros hermanos*.

HENRI GARAT

Portugal é um cabazinho, *une bannette* de gentilezas e cortezias. Seja quem for, apareça qualquer creatura do bom tom, e logo surgem as parangonas e os encómios, devidamente adjectivados até ao excesso. Gente e louvor! Ontem, um conde que nos embasbacou só porque lhe revelamos o nosso ar mórbido e doentio; hoje, um *chomeur* que a fotografia aproveitou a fazer saltar suspiros e ais de apaixonado sentimento!

E não há raio que parta o... vime do cabaz!

LRFÊC.

POPELINES

PARA CAMISAS.

A MAIOR COLECÇÃO.

Acabamos de receber as últimas novidades. Em exposição nas nossas montras

Casa das Gravatas.

Assinal o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Visado pela Comissão de Censura.

nenses não deixarão de se associar. Conforme está resolvido, é no dia 31 do corrente que o nome do ilustre e distinto Poeta vai ser recordado com aquela saúda-de com que se recordam todos os nomes de pessoas que durante a vida não tiveram outra preocupação que não fôsse a de trabalhar — por uma ou por outra forma — pelo interesse colectivo. E Bráulio Caldas, que exaltou o nome de tam gloriosa terra, não consumou tudo o que o seu privilegiado cérebro seria capaz de produzir, porque morreu novo. No entanto, fez muito. Associando-me à homenagem que lhe vai ser prestada, abraço o amigo Jerónimo Sampaio por ter conseguido levar à frente, a pesar de contrariedades várias, a sua aspiração, que já data de há bastantes dezenas de anos.

E assim que se cultiva o exemplo da Amizade e da veneração.

Ppl.

Falta de espaço...

(Ao «Notícias de Guimarães»)

Ao nosso bom director
Daqui lhe mando um abraço,
Mas sinto que tenha sempre
Tamanha falta de espaço...

Se o «Notícias» é pequeno
(P'ra quem nêle tanto escreve)
Aumente mais uma folha
Não me obrigue a ser tão breve...

Isto assim não pode ser...
(Não dá guarida aos meus ais!)
Os versos tão retardados:
Não falando nos «Postais»...

Mal chega, pois, para todos,
Espaço tão limitado...
O formato é regular
Mas tem de ser aumentado!

P'ra todos um bocadinho
(Isto agora vai à vez)
E calar... ser por semana...
Se não fôr de mês a mês!

Os escritos vão p'ra «bicha»...
(Que demora, que maçada!)
E fazer-lhe a selecção:
Mas só por ordem de entrada!

Sempre de fora... de fora...
Tanto tanto original
Nunca mais cabe cá dentro
Do nosso qu'rido jornal!

Mesmo até com sacrifício
Não deixem tanto de fora...
Ao menos que dêste espaço
Não haja falta p'ra'gora...

P'ra caber tudo lá dentro —
Do «Notícias» amiguinho:
— Escolham lá por favor
Qualquer tipo miudinho...

ROVALA.

A alteração da hora oficial

No Diário do Governo N.º 63-I série, de 19 do corrente, foi publicado o seguinte decreto:

«Art.º 1.º. A hora legal no continente da República será adiantada de sessenta minutos no próximo dia 30 do corrente, às vinte e três horas.

Art.º 2.º. — A hora normal será restabelecida às zero horas do dia 6 de Outubro do corrente ano.

Art.º 3.º. — Pela hora legal serão regulados todos os serviços públicos e particulares.»

Para não se repetir o que tem sucedido em anos anteriores, será conveniente que todos os serviços, *includo os particulares*, se regulem pela hora legal, evitando-se, assim, grandes transtornos e até prejuízos. Já o ano passado tivemos de protestar contra a teimosia daqueles que não se queriam adaptar a esta lei do País, incorrendo, portanto, na pena de desobediência às determinações do Poder central. Oxalá, pois, que este ano não tenhamos de fazer o mesmo, porque, se tivermos de o fazer, não teremos repugnância em apontar os nomes dos delinquentes, alguns dos quais se dizem acérrimos cumpridores das ordens dimanadas do Governo da Nação.

De mais a mais, o Art.º 3.º do citado decreto é bem claro, pois diz que *«pela hora legal serão regulados todos os serviços públicos e particulares»*.

E nada mais temos a dizer até vermos o resultado.

Professora diplomada

Com o curso completo de conservatório de piano, lecciona meninas.
Nesta Redacção dão-se as informações.

No próprio interesse de V. Ex.ª

não hesite em ir ver a exposição de fazendas na alfaiataria de

Jacinto José Ribeiro

(Ribeiro, Filho)

A FEIRA DE PARIS

Realizar-se-á de 18 de Maio a 3 de Junho

E' com o maior interesse que anualmente é aguardada a realização da «Feira de Paris» que este ano se realiza de 18 de Maio a 3 de Junho. Nela tomaram parte no ano passado 32 nações, cerca 8.000 expositores, 2 milhões de compradores e muitos milhões de visitantes de todos os países, que presurosamente acorreram a essa grande manifestação de actividade comercial para ali tomarem conhecimento das maiores novidades e das mais úteis descobertas realizadas durante o ano. No concurso de novas invenções inscreveram-se o ano passado 643 inventores com 1.053 invenções, devendo este ano o número ser muito excedido a avaliar pelas inscrições já efectuadas em que podem tomar parte os inventores de todos os países sendo-lhes atribuídos importantes prémios e tendo também oportunidade de transacionarem logo o exclusivo dos trabalhos apresentados. Entre a enorme diversidade de exposições, é também muito interessante a de Vinhos, e que de ano para ano vem aumentando de importância, pois já o ano passado atingiu uma área de 12.000 m² ocupada só com garrafas de vinho das mais variadas regiões e para a qual chamamos a atenção dos nossos produtores e exportadores.

CASA DAS GRAVATAS

Apresenta

CAMISAS GRAVATAS POPELINES

1935

PADRÕES EXCLUSIVOS DA NOSSA CASA.

A propósito da Festa Escolar do dia 9 de Março

(Retardado)

Para a atraente e simpática Festa Escolar (chamemos-lhe assim), que, continuamente, a Benemérita Sociedade Martins Sarmiento vem realizando desde longos anos, e que, por isso, bem se pode definir já como uma tradição, é costume ser convidado o professorado deste concelho, acompanhando, assim, cada um o aluno ou aluna que, neste festivo dia, ali vão receber o justo prémio da sua assiduidade, do seu comportamento exemplar e, sobretudo, do seu aproveitamento.

Creio bem que a Ilustre Direcção desta Benemérita Colectividade, fazendo o seu costume, atencioso, e, para nós professores, honroso convite, não desconhece, no entanto, que não há, presentemente, nenhuma disposição legal que autorize a nossa comparência, sabido como é, que, com raras excepções, o dia 9 de Março coincide com um dia lectivo, como no ano presente aconteceu.

Bem sabemos que as Instâncias Superiores nunca se importaram com esta falta — que nem falta se pode chamar, visto que, pelo menos nós, os velhos, sempre costumamos fazer a respectiva permuta (mas de certo modo ilegal) da aula deste dia pela quinta-feira da mesma semana, nada sofrendo, portanto, o ensino. Mas os novos, que a principio desconhecem esta tradição, exitam muitas vezes se poderão ou não aceder ao convite da Ilustre Direcção desta Sociedade.

Para evitar, pois, e por completo, esta anomalia, sugeri-me a seguinte ideia, que tenho a honra de apresentar à ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara. — Pelo decreto n.º 17.171 de 29 de Julho de 1929 e no seu artigo 2.º todas as Municipalidades podem escolher um dia feriado por ano, escolhendo-o de entre os que representam as festas mais tradicionais e características do município. E a Câmara de então, escolheu o dia 8 de Junho, consagrado à memória de Gil Vicente, o fundador do Teatro Português, convicção, ou melhor aceitando o que rezam algumas crónicas, que o comediógrafo daquele tempo tivesse sido oriundo de Guimarães, naturalidade da qual ainda hoje não é aceite por baeristas de outras terras, como, por exemplo, os barcelenses e até os lisboetas, etc. que a si querem chamar a prioridade de nascimento do trau da corte de D. Manuel.

Concordo que não seja justo tirarmos qualquer símbolo de consagração à memória de um homem ilustre (no seu tempo) para o substituímos por outro. Mas se atendermos ou compararmos o Bobo — digamos assim — do século quinze, com o homem de ciência, o arqueólogo ilustre, o investigador consciencioso e acérrimo das ruínas e monumentos pre-históricos, de nome conhecido e consagrado não só em Portugal como em todo o mundo culto — o Dr. Francisco Martins Sarmiento, honra de Guimarães — fundador prestante da Sociedade de que é Patrono, propulsora da Instrução Popular deste concelho, somos forçados, na nossa qualidade de Vimaraneses, a optarmos por mais uma justa homenagem a este, de preferência a este.

E' certo que a memória de Sarmiento já está simbolicamente perpetuada numa praça, no nosso primeiro estabelecimento de ensino — o Liceu — e num modesto mas condigno monumento. Mas Gil Vicente já o está, também, numa rua e num teatro, crendo que o espírito de além-túmulo da personalidade deste não ficaria melindrado nem ofendido com esta justa substituição.

Por outro lado, parece até que a doutrina do citado decreto nos está a mostrar claramente a sobreposição — digamos — do dia feriado de 9 de Março pelo de 8 de Junho, quando fala em festas mais tradicionais e características do município.

O dia alegre não só de um cento de crianças das nossas escolas, como dos seus mestres e de todas as pessoas que se interessam, dum modo geral, pela educação popular, o dia 9 de Março de cada ano, bem merecia mais esta distinção. E assim, o povo e a cidade de Guimarães, em todas as repartições públicas e estabelecimentos de ensino encerrados, tendo desfraldada nas suas fachadas o Símbolo da nossa Pátria, daria neste dia um tom mais festivo de harmonia com o significado de tão patriótica como encantadora Festa Escolar.

Sei — que alguém me acusará de imprudente pelo facto de apresentar esta

humilde sugestão, que, harmonizada com o significado do dia 9 de Março e com a pretendida legalidade de assistência dos componentes não só da minha classe como de todo o ilustre professorado e alunos dos estabelecimentos secundários desta cidade, submeto à esclarecida e inteligente apreciação dos srs. vereadores municipais, certo de que, desta forma, se remediaria a lacuna que no principio expus, além de que seria mais uma consagração ao salido Vimaranesense, Martins Sarmiento, tão legitimamente digno dela.

Prof. J. B. dos Santos.

N. da R. — A sugestão do nosso prezado colaborador, sr. J. B. dos Santos, inteligente professor, é digna, de facto, daquela ponderação que deve dispensar-se a todos os assuntos que, como este, devem ser devidamente apreciados.

Precisa-se Esc. 12.500\$00 s/ hi-
poteca.
Esta Redacção informa.

Nas Caldas das Taipas

Homenagem a um Apóstolo da Instrução

A linda povoação das Caldas das Taipas esteve em festa no passado domingo — festa que se comunicou a muito povo das vizinhanças e que a todos comoveu e impressionou vivamente. Prestava-se homenagem — justa e merecida — a alguém que no apostolado da instrução popular se revelou aos olhos de superiores, colegas e discípulos um orientador criterioso, um Mestre exemplar.

O Professor Manuel José Pereira que mal conhecíamos não obstante admirarmos a sua obra era o homenageado. Para ele convergiram todas as atenções nesse dia em que por atingir o limite de idade, abandonava o Magistério Primário.

Lá estavam muitas pessoas, de Braga, desta cidade, do Porto, das Taipas e de



Prof. Manuel José Pereira

outras localidades. Figuras de destaque em vários campos da actividade, gente humilde, homens e mulheres, velhos e crianças. E pelo ar, em tom festivo, andavam os acordes musicais, foguetes e vivas constantes, vindo-se galhardetes pelos caminhos e nas casas.

Começou a homenagem por uma sessão solene, no Salão da Escola, a que presidiu o sr. Manuel Boaventura, digno inspector Chefe da Região Escolar que tinha a sua direita o homenageado e à esquerda o sr. A. L. de Carvalho, vereador da instrução na C. M. de Guimarães. Em lugares reservados sentaram-se os srs. Dr. Alfredo Fernandes, Dr. Carvalho Ribeiro, Professor João Marques, Inspector Caramona, Professor António José de Oliveira e outras individualidades.

Aberta a sessão usaram da palavra os srs. Dr. Alfredo Fernandes, A. L. de Carvalho, Professor João Marques, Alexandre Costa e Silva, José de Oliveira e o Director do nosso jornal.

Todos os oradores se referiram às qualidades morais e intelectuais do homenageado e se associaram àquela homenagem que os seus antigos e novos alunos promoveram, para manifestar-lhe a sua gratidão.

O sr. A. L. de Carvalho diz vir ali em nome da Câmara cumprir um grato de-

ver e, aproveitando a comemoração da Semana da Bondade afirma que, para coroamento, não podia encontrar motivo mais emocionante do que aquele.

O sr. Dr. Alfredo Fernandes começa assim:

«Se me fosse permitido pegar no coração e dizer-lhe: fala, diz o que sentes; ele muito teria a dizer.

Depois:

Estão em festa as Caldas das Taipas. Festeja-se um Santo e um Herói — Santo porque é um Apóstolo, Herói porque é um Patriota.

Traça depois o perfil do Prof. Manuel José Pereira, com palavras de carinho e cheias de talento e termina por dizer que aquele Apóstolo deve ter no coração de todos um altar.

Os outros oradores pronunciaram, também, discursos muito brilhantes aos quais a falta de espaço nos não permite fazer uma mais larga e merecida referência.

O sr. João Pereira, filho do homenageado, associou-se à festa que agradeceu em nome de sua família.

O sr. Manuel Boaventura, Inspector Escolar, encerrou a sessão proferindo, igualmente, um breve mas eloquente discurso.

Seguidamente falou o homenageado que disse apenas:

«O coração não me deixa dizer absolutamente nada».

Com as lágrimas nos olhos:

«Só agradeço aos meus antigos discípulos e às minhas criancinhas que me deixam grande pena».

Por entre uma vibrante aclamação — palmas, vivas, foguetes e acordes musicais — foi descerrou pela interessante menina Margarida, neta do homenageado, o seu retrato.

No largo fronteiro à escola foi servido, depois, um abundante lunch às crianças, durante o qual a banda dos B. V. das Taipas executou algumas peças do seu repertório.

Num dos Salões da Escola foi oferecido, em seguida, ao Prof. Manuel José Pereira e convidados, um Porto d'Honra que deu motivo à troca de efusivos brindes.

Em nome da Comissão o nosso bom amigo sr. Cândido Ribeiro Capela, disse:

«Meus senhores:

Incumbi-me a Comissão promotora desta festa de, na qualidade de mais velho dos componentes, abrir a série de brindes, falando em seu nome.

Sensibiliza-me a honra imerecida com que quiseram distinguir-me, mas confesso que me sinto sem forças para o fazer.

Não é o momento azado para fazer a história de um homem que pela sua impecável linha de conduta se impôs sempre ao respeito e à consideração de todos, podendo apontar-se à sociedade como verdadeiro modelo, a quem quero e respeito como pai.

Essa história há-de fazer-se um dia!...

Nos tempos que vão correndo — e eu quero assegurar a V. Ex.^a, meu velho professor — no meio de uma sociedade corrompida e acentuadamente egoísta, há ainda quem, felizmente, sabe cumprir o seu dever e pagar a quem merece o tributo da sua gratidão.

A homenagem que nós hoje — velhos e novos alunos — lhe prestamos não é o prémio dos relevantíssimos serviços prestados à instrução nos 47 anos de trabalho aturado e persistente; é apenas a demonstração sincera do nosso mais profundo reconhecimento pelos grandes benefícios que de V. Ex.^a recebemos, o preito sentido da nossa estima e da nossa gratidão eterna.

Em nome de os meus colegas e de todos os alunos lhe apresento as mais ardentes saudações e levanto o meu calix para beber pela sua saúde e pela sua felicidade.»

Brindaram, depois, os srs. José da Silva Martins, Prof. Manuel Boaventura, Alexandre Costa e Silva, Júlio Gonçalves Pereira, Prof. António José de Oliveira, A. L. de Carvalho e Dr. Alfredo Fernandes, tendo o homenageado agradecido.

O «Notícias de Guimarães» que se fez representar na homenagem, felicita o Prof. sr. Manuel José Pereira e deseja as suas maiores felicidades.

AGRADECIMENTO

A Comissão promotora da homenagem ao professor sr. Manuel José Pereira, levada a efeito no pretérito domingo, agradece penhorada a todas as pessoas que nela tomaram

parte ou que de qualquer forma concorreram para que ela se realizasse, e em especial às professoras Ex.^{mas} S.^{as} D. Emilia e D. Rita de Oliveira Pimentel pelas gentilezas que nos dispensaram.

A todos, pois, apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos, com os protestos do nosso mais profundo reconhecimento.

A COMISSÃO.

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO
ADVOGADOS

Escritório — R. Gravado Molarinho, 32
(Baixos da Assembleia)

TELEFONE, 58

AGENTE EM LISBOA oferece-se para trabalhar em qualquer artigo. Dão-se informações na Camisaria Martins.

CANETA "KONKLIN", perdeu-se uma. Gratifica-se quem a entregar nesta Redacção.

Desporto

Tarde de bom foot-ball — Pouca resistência — Saber perder... — Um Triúnfo —:—:—: retumbante. —:—:—:

Não esquecer depressa os primeiros 40 minutos do jogo superior, desenvolvido pelos rapazes do "Vitória". Foi a primeira vez que vimos jogar foot-ball, puro e de classe aos alvi negros.

Vontade, energia, combinação esplêndida em todos os sectores, bateram irremediavelmente um Campeão, por larga margem de bolas, num triunfo justo, legal, absolutamente inofensível, que definiu categoricamente o melhor grupo e uma melhor técnica.

Somos ávaros em aplausos, porque, elevar demasiadamente é um erro de consequências muito perniciosas, mas a acção do "Vitória", na tarde do último domingo, merece relevo. Foram 40 minutos de bom jogo, em que 11 jogadores compenetrados do seu valor, actuaram como um só homem, dirigidos pelo mesmo cérebro, sem descabarem em personalismos que destroem a homogeneidade da equipe, nem atreçam o esforço coordenado do grupo.

Porque não foram os 90 minutos assim?

Temos de nos dirigir ao sr. treinador do "Vitória", endereçando-lhe desde já os nossos aplausos pela boa tarde de foot ball que nos deliciou, e, pelo resultado das suas excelentes lições técnicas, que ministra. Estes 40 minutos pertencem-lhe. São a paga dos seus esforços. Mas falemos dos restantes 50.

O futebolista divide-se em duas partes distintas. Uma é preenchida pelo sistema técnico e a outra é ocupada pela educação física. A primeira está quasi atingida, mas a segunda foi descurada.

Pode-se jogar muito bem, atingir mesmo uma classe elevada, mas se não houver uma resistência física notável, não se pode utilizar vantajosamente os vastos conhecimentos que se possuem.

A técnica, é facilmente assimilável mas a adaptação física dos futuros jogadores, não é facilmente conseguida.

Leva o seu tempo. O foot ball moderno, feito em passes rápidos, curtos ou largos, só um atleta perfeito, bem folegado, pode resistir aos 90 minutos duros, movimentados que a actual forma de jogar requiere.

Foi a falta dessa base principal, que não permitiu agüentar na segunda parte o resultado de 4 a 0, e não fez aumentar mais o marcador, que faria sair do rectângulo, o "Salgueiros", vergado sob o peso duma derrota bem grande.

Não será assim sr. Alberto Augusto? Entremos na apreciação individual analisando em primeiro lugar, a espinha dorsal do "Vitória"; para além desses superiores 40 minutos:

— João Jesus, muito fraco, pouco combativo quasi a convencer-nos que Pantaleão é mais útil. Não nos consta que a sua vida profissional lhe consuma as energias e o vigor, para vir descansar em pleno jogo!... Tenha juízo, abandone essa vida pouco recomendável, de notívago e desocupado, e, não lhe regatearemos os aplausos que merece.

Lembre-se que agora só vale por o que

joga e logo que, perca as suas qualidades de jogador que tem, nada vale. Essa existência arruina-o, e abrir-lhe á mais facilmente o caminho da cova, do que a estrada ampla dum futuro sem canseiras.

— Laureta, jogou mal teve momentos que quasi não existiu, talvez uma má tarde, mas, no final, a sua face acusava sinais dum depauperamento físico.

Lembre-se da idade e tenha cuidado... Sômente a cultura física lhe poderá entrar a queda que se aproxima.

— Ricóca, teve defeitos graves, saídas inoportunas e defesas a pontapé em último extremo, nada recomendáveis. Convalescente ainda da doença que o atingiu, a sua acção não podia ser melhor.

— O flanco esquerdo: — Maneca, Mário, Bravo e Virgílio, bons, trabalhadores, principalmente o último, que teve uma acção brilhantíssima e foi o pilar do triunfo.

O adversário nada fez por este lado. E' o maior dos elogios.

— O flanco direito: — Jaime, José Maria, Faria e Constantino; foi o lado peor do grupo aonde o adversário melhor penetrou. Mas enumeremos. Faria, jogou bem, oportuno a chutar, centrando facilmente, gostamos bastante dele. Constantino, revelou-se grandemente nesses 40 minutos, depois, o fôlego faltou, atirando-lhe a vontade. Pêz nesse espaço de tempo o melhor jogo, talvez da sua vida.

Temos sido para este jogador uma carraça, escalpelizando-o dos erros do "engarrafamento", que tinha, mas hoje, sabemos fazer justiça, como a todos, quando a merecerem.

Faça exercícios ginásticos, bem regulados e a resistência virá. José Maria foi impotente para agüentar a insistência do adversário, depois que Constantino cansou. A sua acção continua a ser a mesma, não se alterando nem diminuindo de jogo para jogo, acção muito útil, que dá uma boa confiança aos companheiros. Falta-lhe corrida e fôlego, mal, que neste desafio tanto foi notado. Jaime, viu-se atrapalhado para sustentar a duplicidade de jogo que sobre si desabou. Vai criando pouco a pouco conhecimentos, bem necessários para evitar no futuro, repetir as tolices da segunda parte. O primeiro "goal", do "Salgueiros", foi culpa sua, não marcando convenientemente a aza adversária, dando-lhe largueza de movimentos, que permitiu a America, chutar á vontade e bem.

Foi um erro de colocação sua, porque o perigo não está geralmente num aglomeração, mas no isolamento de um ou dois adversários. E' assim que se conhece um valor, quando o adversário ataca bem e desesperadamente, obrigando a defesa a mostrar a sua calma, o seu saber e os seus conhecimentos.

O adversário, o Campeão do 7.º Grupo da Série A da II Liga, saiu do Porto, e entrou em campo, senhor duma vitória fácil, ganha sem machadas e a brincar. Foi a sua derrota. Admirou-se duma classe que não contava, espantou-se da vontade da energia e duma combatividade que não esperava, e, quando saiu do seu assombro, perdia por 4 a 0 e findava a primeira parte.

As três primeiras bolas, foram o justo prémio do melhor, e o resultado de combinações esplêndidas, rápidas, cheias de beleza e de puro foot-ball.

A quarta bola, foi o resultado de desnor-teamento da defesa salgueirista. Uma mão voluntária na grande área, castigada como merecia, e o castigo justamente repetido, por infracção do guarda-redes, deu o quarto "goal". Explodiram os vermelhos em protestos, em cenas pouco educadas, nada dignificadoras, até ao ponto do guarda-redes a agredir um espectador com um muro. Aplaudimos incondicionalmente a intervenção da policia nes-

Olinda Amélia de Oliveira Ribeiro
Parteira diplomada

LARGO PRIOR DO CRATO, 107
(Por cima do Café Sport)

GUIMARÃIS

FATOS PRONTOS A VESTIR
DESDE 180\$00 SÓ NA

ALFAIATARIA
DE

Jacinto José Ribeiro
— (RIBEIRO, FILHO) —

Camisaria Martins --- Casa das Meias

POP ELINES para camisas Coleção 1935

Consulte os NOSSOS PREÇOS. E será NOSSO CLIENTE

PHILCO

SEMPRE NA VANGUARDA!

PHILCO	1.250.000
R. C. A.	500.000
CROSLEY	300.000
G. H. U.	300.000
COLONIAL	300.000
W. GARDNER	200.000
EMERSON	200.000
G. E.	200.000
AT. KENT	100.000
ZENITH	100.000
BOSCH	100.000
139 FABRICANTES	650.000

Para elucidação do público re-
produzimos do grande «magazine»
americano *FORTUNE* Fev. 1935,
Pag. 173, os seguintes dados e grá-
ficos, sobre a produção de Rádio-
receptores nos Estados Unidos
em 1934:

Produção total americana 4.200.000 aparelhos
Vendas PHILCO 1.250.000

SEM COMENTÁRIOS!

Deixe-se de experiências

COMPRE

PHILCO

O DOMINADOR DO MUNDO

Representante em Guimarães

HENRIQUE PIRES, TELEFONE 154

tes incidentes, como o faz em qualquer
outro lugar. Entre jogadores em campo,
só o árbitro tem autoridade, mas entre
espectadores e jogadores ou vice versa,
a polícia, deve intervir para acabar com
essas cenas vergonhosas, que vulgarmente
se dão por aí fora. O jogador, não deve
ser insultado por quem assiste ao jogo,
nem o espectador deve ser agredido por
qualquer jogador, e a polícia, fazia muito
bem, acabando com isso.

Na segunda parte, o «Vitória», entrou
a marcar mais uma bola, também de
«penalty», justo como o primeiro, que mais
acirrou os vermelhos. O «Salgueiro»,
marcou duas bolas neste meio tempo,
uma, muito boa e regularmente obtida, a
outra não. O «penalty», que deu a segun-
da bola, foi erro que Passos julgou muito
mal. Entre a carga legal e a violência
há um abismo muito grande. A carga de
Mário foi absolutamente regulamentar,
foi dura, mas não foi violenta, e as leis de
foot-ball, condenam a violência mas não
penalizam a dureza. Ainda se Mansilha,
fosse mais inteligente e possuísse a
habilidade de se deixar cair num tram-
buião aparatoso, podia ser que o estrata-
gema pegasse. Mas assim de «a» forma
não. Depois, desta bola a violência foi
grande, por os jogadores portugueses
desconhecerem, que a principal virtude
dum futebolista é... saber perder.

O trabalho de João Passos, será enca-
do pelos salgueiristas como uma arbitra-
gem «regional», mas nós temos a autori-
dade suficiente para lhe dizer que não.
Até a segunda bola dos vermelhos, a
arbitragem foi boa, depois não, enervou-se,
permitiu a violência, o gesto malcriado,
etc., mas sempre julgando imparcialmente.

O «Vitória» jogou na terça-feira de Carna-
val com o Foot-ball Club de Fafe, ganhando
por 7 a 1. Fêz um jogo lento, cansado,
acusando nitidamente os efeitos do último
desafo, e mesmo assim jogou muito bem. A
arbitragem a cargo de Alves Pinto teve de
mau o «penalty» contra o «Vitória». Não
houve motivos de violência grave, que justi-
ficasse o seu julgamento.

Temos uma instintiva retulância contra a
grande penalidade. Se o jogo tem como casti-
go máximo o «goal», é seguindo em gravidade
pelo «penalty», que, executado pela estúpida
forma actual, é um «goal» sem defesa possível.
Portanto, um árbitro, só deve castigar com a
grande penalidade, quando a infracção também
for excessivamente grande.

As reservas jogaram também e perderam
por 4 a 3 com o Maximiniense de Braga.
Perderam bem, porque jogaram mal. E já
teimosia por o «28» a meia ponta. Este
jogador só tem de bom a trapalhice. Pinto
Leite é muito mais eficiente nesse lugar, mais
jogador e mais inteligente. Pantaleão, ladea-
do por duas nulidades nada fez, porque Vito-
rio tem ultimamente jogado mal. Machado,
foi pela sua acção uma das causas da derrota.

Da arbitragem, ficamos tão mal impressio-
nados, que aconselhamos ao sr. Oliveira deixar
o apito por quem não tem inclinação alguma.
Pantaleão talvez fosse malcriado, é natural,
porque a educação paira longe dos campos de
foot-ball. Mas a sua arbitragem foi somente
péssima.

A. F. J.

CAMISARIA MARTINS

Previne os seus estimados cliente e ami-
gos que acaba de receber as últimas
NOVIDADES EM CAMISAS.

Gramofones em 2.ª mão

Abílio Martins

- ANTIGA CASA JACOME -

Esperanto-Naturismo e Escotismo

Está a despertar vivo interesse em
Portugal—como lá fora—a propaganda
do Esperanto, Naturismo e Escotismo,
vendo-se em muitos países, intimamente
ligados, estes três movimentos que absor-
vem o melhor cuidado da juventude de
todo o mundo. O Esperanto, é a mara-
vilhosa língua internacional, legada por
Zamenhof, distinto sábio e iminente po-
lígota polaco, a qual, é hoje recomenda-
da por todas as figuras em relevo: nas
artes, ciências, literatura e até na religião,
porquanto a defende o actual Pontífice
romano.

O Naturismo, é o movimento por
excelência da reforma alimentar, — con-
duzindo-nos a uma moral nova, de ma-
neira a que se viva mais com a Natureza
e menos com os vícios e prazeres degra-
dantes da espécie humana — tal como o
alcohol, tabaco, prostituição, etc. Pelo na-
turismo se aprende a comer, sem neces-
sidade de alimentação cadavérica (peixe
e carne), por ela constituir uma infracção
às leis da humanidade, que nos manda
ser dignos do nosso raciocínio, para re-
speitarmos as vidas das espécies infe-
riores.

Pelo Escotismo se educa a juventu-
de, insuflando-lhe no espírito o culto pe-
lo Dever, pela Honra e pelo Direito.

São escoteiros os jovens de ambos os
sexos, podendo-se constituir Grupos em
todas as localidades do país, especialmen-
te nos centros operários, centros escola-
res, recreativos, etc.

O Escotismo livra o jovem da taberna,
do cigarro, dos jogos violentos e dá-lhe
em troca o campismo, atractivos para o
corpo e uma sólida educação moral.

Esperanto! Naturismo! Escotismo, três
ideias ao serviço da Paz, do Bem da
Humanidade!

O nosso colega «A Vida Social» quin-
zenário que se publica a 1 e 15 de cada
mês, envia gratuitamente alguns exem-
plares a título de propaganda a quem de-
seje conhecer o Esperanto, Naturismo e
Escotismo. Pedidos para: jornal «A Vi-
da Social» — Trav. Senhora da Glória,
10 — 1.ª Esq. — LISBOA.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Dr. Jerónimo Rocha

Já tomou posse do lugar de Delegado
do P. da República da Comarca de Braga,
o nosso querido amigo e distinto
Magistrado, sr. Dr. Jerónimo Rocha, a
quem o «Notícias de Guimarães» cum-
primenta mui respeitavelmente.

Dr. António José da Silva Basto J.º

Tem passado ligeiramente incomoda-
do o nosso bom amigo e distinto notá-
rio desta Comarca, sr. Dr. António José
da Silva Basto Júnior.

José de Sousa Roriz

Passou na terça-feira o aniversário na-
talfício do nosso bom amigo, sr. José de
Sousa Roriz, a quem, embora tarde,
apresentamos felicitações.

Alberto Vieira Braga

Passou, há dias, o aniversário natali-
cio do nosso bom amigo e inteligente es-
critor, sr. Alberto Vieira Braga, a quem
felicitações.

Tenente Carlos Coelho

Na quinta-feira fez anos, também, o
nosso prezado amigo e distinto oficial,
sr. Tenente Carlos Coelho, a quem
igualmente felicitações.

Heitor Campos

Passou, ante-ontem, o aniversário na-
talfício do nosso bom amigo e estimado
gerente da Agência do Banco de Portu-

gal, sr. Heitor Campos, a quem apre-
sentamos as nossas felicitações.

Diversas:

Esteve nesta cidade, tendo-nos dado o
prazer da sua visita, o nosso bom amigo
sr. Guilherme de Menezes, de Vila Verde.

—Tem passado algo incomodado o nos-
so bom amigo e importante industrial sr.
Antero Henriques da Silva, a quem dese-
jamos breve restabelecimento.

—Fez anos no dia 14, o nosso prezado
amigo, sr. Terezino Augusto Fernandes
da Costa Abreu Machado.

—Regressou de Fernando Pó, Africa
Occidental, acompanhado de sua ex.ª
esposa, o nosso amigo, sr. Manuel Mar-
ques.

—Parte dentro em breves dias para o
Rio de Janeiro, o nosso amigo sr. Gas-
par Lopes Martins.

—Regressou da Africa o nosso preza-
do amigo sr. Armindo de Faria.

—Guardam o leite os meninos Bernar-
dino e Inácio, filhos do nosso amigo, sr.
Dr. Florêncio Lobo.

Está gravemente enfermo o sr. José
Avelino Ferreira, pai do sr. Avelino
Ferreira Meireles e sogro do negociante
sr. Manuel C. Martins.

—Tem passado doente, estando já em
restabelecimento, o nosso bom amigo sr.
Benjamin Pereira dos Santos.

—Tem estado gravemente enferma a
sr.ª D. Delfina de Jesus Ribeiro.

—Também tem passado incomodado o
nosso amigo e distinto professor do Li-
ceu, sr. Dr. António de Jesus Gonçalves.

—Está, também, algo incomodado, há
já alguns dias, o importante capitalista,
sr. Francisco Martins da Costa (Aldão).

—Várias pessoas encontram-se doen-
tes, com a epidemia da «gripe».

A todos desejamos pronto restabeleci-
mento.

Visita

Deu-nos, há dias, o prazer da sua vi-
sita a sr.ª D. Belmira da Conceição de
Sousa, que tem percorrido o país e o es-
trangeiro em viagem de propaganda da
literatura portuguesa.

Agradecemos a visita.

Prédio em Guimarães

No dia 7 de Abril próximo, pelas 15
horas, realizar-se-á, à porta do mesmo,
o leilão do prédio da Rua 5 de Outubro,
n.º 14 e 16, reservando-se o vendedor o
direito de não entregar, caso o preço lhe
não convenha.

As chaves do prédio encontram-se em
poder do sr. Rodrigues, contínuo da
Agência do Banco de Portugal—Guima-
rães, que o mostrará a quem o desejar.

Um apelo aos nossos generosos leitores

A situação afliitiva duma senhora

Veio à nossa redacção uma pobre se-
nhora—Maria Guimar Damásio, de 42
anos de idade—que nos fez um pedido
para aqui o transmitirmos aos nossos
generosos leitores.

Vinha amparada de sua mãe—uma
velhinha que tem no rosto a expressão
nítida da dor—e falou-nos da sua afli-
tiva situação, o que nos impressionou
imensamente.

Necessita a desventurada senhora de
adquirir uma perna de borracha, que
substitua a sua perna direita que perdeu
há 24 anos.

O custo da perna é de 1.200\$000.

Não é muito, mas para ela é uma im-
portância elevadíssima.

Nós abrimos a subscrição com a
quantia de 20\$000 e os nossos leitores e
amigos vão ajudar-nos—temos disso a
certeza—na missão a que nos propuze-
mos.

Da Cidade

Homenagem a Bráulio Caldas—E' no próximo dia 31, que se
realiza, como temos noticiado, na Pen-
ha, a homenagem de gratidão, ao sa-
duoso poeta Bráulio Caldas. Além do sr.
dr. Eduardo d'Almeida, usará da pala-
vra os srs. Jerónimo Sampaio, dr.
Américo Durão, Delfim de Guimarães e
Alfredo Guimarães.

Amanhã ou depois deverá começar
a circular o programa da homenagem
que constará, em resumo, do seguinte:
A's 11 horas, missa por alma do Poe-
ta, no Templo da Penha, sendo cele-
brante o rev. Cônego Alberto da Silva
Vasconcelos.

A's 15 horas, descerramento da lápide,
com a assistência das autoridades e
pessoas de representação.

Quatro bandas de música—a dos B.
V. de Guimarães, a de Vizela, a do Pe-
vidém e a das Oficinas de S. José—e
um grupo coral, abrilhantarão o acto
que promete atingir grande imponência.

Hoje deve chegar a esta cidade a
lápide que num dos pontos da encanta-
dora Estância perpetuará a memória
de Bráulio Caldas.

**Associação Fúnebre F. O. Vi-
maranense**—Numa das vitrines
da Casa das Gravatas serão expostos,
na próxima semana, os interessantes
prêmios do sorteio Pró-Mobiliário da
Associação Fúnebre F. O. Vimarane-
se, levado a efeito por um grupo de dedi-
cados amigos desta prestimosa colecti-
vidade, o qual, não se poupando a consei-
ras, tenta dotar a referida Associação
com um mobiliário que condiga com o
seu lindo edifício, recentemente cons-
truído.

E' mais uma simpática iniciativa que
deve ser auxiliada por todos os bons
Vimaraneses.

**Ainda o imposto sobre as
carnes**—A C. A. da Câmara reuniu,
extraordinariamente, no dia 16, para
estudar a melhor forma de dar execu-
ção às deliberações tomadas sobre o
imposto na carne, tendo tomado a se-
guinte deliberação.

1.º—Enquanto não for municipaliza-
do o serviço de matança e condução de
carnes, a Câmara cobrará o imposto de
\$60, por cada quilo de carne abatida
para consumo público, obrigando-se a
fazer a matança à sua custa, a partir do
dia 19 de Março corrente;

2.º—Após a municipalização manter-
se-á a mesma taxa de \$60 em quilo,
por um período igual ao que tiver de-
corrido de 15 de Janeiro até à data da
municipalização da matança e transpor-
te;

3.º—Este serviço de municipalização
deverá iniciar-se até 30 de Abril;

4.º—Relativamente ao imposto em
débito, a Câmara, no intuito de facilitar
o seu pagamento, concede um prazo de
20 dias, para este se efectuar, findo o
qual, mandará aplicar as respectivas
sanções;

5.º—Esta deliberação foi tomada para
ter efeito imediato.

**Monumento aos Mortos da
Guerra**—Como noticiamos realizou-se
na penúltima sexta-feira, na sede da
Sub-Agência da Liga dos C. da Grande
Guerra, uma reunião para se tratar do
assunto do monumento aos Mortos da
Grande Guerra, a qual teve a assistên-
cia de várias individualidades. Presidiu
o sr. A. L. de Carvalho e usaram da
palavra vários assistentes. Por fim fo-
ram tomadas as seguintes resoluções:

—Enviar circulares aos vimaranen-
ses e aos párocos das freguesias, pedin-
do para que todos auxiliem a constru-
ção do monumento, contribuindo para
a subscrição que vai ser aberta;

—Proceder ao sorteio de um objecto
de valor, a favor do mesmo monumento;

—Pedir o auxílio da imprensa para o
apelo a fazer à população vimaranense.

O delegado do V. S. C., sr. António
Gualberto, ofereceu, para o mesmo fim,
o produto dum desafio de futebol a
realizar no dia 9 de Abril próximo.

No final o sr. João António da Silva
Guimarães agradeceu, em nome da di-
recção da Liga a comparência de todas
as pessoas.

Para os Pobres—Um generoso
anónimo entregou-nos 10\$000 para os
nossos pobres. Agradecemos.

Simão da Costa Guimarães—
Passou ante-ontem o 2.º aniversário do
falecimento deste prestante cidadão que
foi ilustre 1.º Comandante dos B. V. de
Guimarães.

**Bombeiros Voluntários — O
seu aniversário**—A benemérita
Corporação dos B. V. de Guimarães
comemorou, na terça-feira, mais um
aniversário da sua fundação, tendo ha-
vido formatura e missa estatutária e ex-
posição do quartel ao público.

O 2.º Comandante e nosso bom ami-
go sr. José de Souza Lima, fez, naquele
dia, a sua apresentação.

Officinas de S. José—No dia 19
festejou-se, solenemente, nesta institui-
ção de caridade, o seu Patrono, tendo
havido solenidades religiosas e, à tarde,
um basar de prendas que ali levou
muitas centenas de pessoas.

A festa decorreu com muito briho,
tendo-se feito ouvir a banda dos inter-
nados.

Casa dos Pobres—No dia de S.
José inaugurou-se, solenemente, a cape-
linha da Casa dos Pobres.

**As Festas a S. Cristóvão e as
Festas da Cidade**—Os nossos auto-
mobilistas andam já a trabalhar para
a realização das festas a S. Cristóvão—
seu Patrono—constando-nos que estão

animados da melhor boa vontade para
que os festejos atinjam vulgar bri-
lhantismo.

Felicitemos os simpáticos automobi-
listas e, não perdendo a oportunidade,
preguntamos:

E com respeito a Festas da cidade?
Continuamos a dormir, a dormir sem-
pre.

Casamento—No passado domín-
go consorciaram-se os srs. Adélio Pla-
cido Pereira (Ricoça), conhecido e esti-
mado desportista, com a sr.ª Maria
Mendes Pereira.

Assistiram ao acto suas famílias e
pessoas das relações dos noivos. Dese-
jamos-lhes muitas felicidades.

De luto—Pelo falecimento de um
seu irmão, ocorrido no Porto, encon-
tra-se de luto o nosso prezado amigo e
estimado industrial sr. Francisco da
Costa Jorge, a quem apresentamos os
nossos cumprimentos de condolências.

—Pelo falecimento de um tio da sua
esposa, encontra-se de luto o distinto
professor do Liceu sr. dr. Joaquim
d'Oliveira Torres, a quem apresenta-
mos condolências.

**Banda dos B. V. de Guima-
rães — o seu 32.º aniversário**—
Passando na próxima segunda-feira, 25
do corrente, mais um aniversário da
fundação desta simpática agremiação
artística, única em Guimarães, a Comis-
são eleita no ano findo, soleniza esta
data com o seguinte programa: A's 8
horas da manhã, arruada pela Banda,
com o hino da mesma, da autoria do
ex.º sr. Paranhos. A's 11 horas, missa
na igreja de S. Francisco, por alma de
todos os componentes falecidos. A's
12 horas, as mesmas demonstrações
festivas. A's 15 horas, romagem ao
cemitério. A's 20 horas, banquete de
confraternização na Pensão Comercial.

Nomeação—Foi nomeado, por
curso, professor de Tecnologia e
Debuxo da Escola Industrial e Comer-
cial «Francisco de Holanda», desta cida-
de, o nosso bom amigo e estimado
conterrâneo sr. José Ribeiro de Freitas,
a quem o «Notícias de Guimarães»
apresenta os seus cumprimentos de
felicitações.

**Grupo Recreativo «O Bêrço
da Nação»**—Com toda a solenidade,
realiza-se, hoje, pelas 11 horas, na igre-
ja parochial de Creixomil, a bênção da
nova bandeira do Grupo Recreativo «O
Bêrço da Nação», seguida de Missa e
alocução pelo rev.º Cônego Alberto da
Silva Vasconcelos.

A nova Bandeira, toda em seda, tem
a encimá-la o Castelo de Guimarães e a
efigie de Afonso Henriques, havendo si-
do bordada a matiz e ouro pela sr.ª D.
Maria do Nascimento, com desenhos do
sr. Manuel Panchorça.

Para a aquisição da nova Bandeira
deste florescente Grupo recreativo mu-
lto contribuiu a boa vontade e iniciativa
do sr. Sebastião Mendes, estimado in-
dustrial, não se poupando a esforços
nem a canceiras para mais uma vez
contribuir para o engrandecimento do Gr-
upo de que faz parte.

Bem haja este nosso amigo pela sua
feliz iniciativa

Carta de Lisboa—Por nos ter
chegado muito tarde, já quando o jo-
nal estava na máquina, deixamos de
publicar a «Carta de Lisboa», do nosso
ilustre colaborador José Saúdade, cuja
publicação iniciaremos no próximo nú-
mero.

Terra Portuguesa—Exibiu-se,
na quinta-feira ultima, no Cinema Gil
Vicente, este interessante filme que nos
mostrou, entre outras coisas minhotas,
as belezas e as festas de Guimarães.

Falta de Espaço—Por absoluta
falta de espaço fica-nos de fora vário
original entre o qual a secção «Dos Li-
vros. Dos Jornais», Correspondências
do Concelho, o folhetim «Toural»,
«Carta de Lisboa», etc., do que pedi-
mos desculpa aos nossos prezados cola-
boradores.

FALECIMENTOS

Em Vila do Conde faleceu a nossa
conterrânea sr.ª D. Maria Adelaide
Meireles de Vasconcelos, filha da sr.ª D.
Maria de La-Salette Martins Queiroz
Meireles de Vasconcelos.

VAI AO PORTO?...

Precisa de almoçar, jantar e dor-
mir?... «A Pensão Esto-
ril» é, sem dúvida, a que me-
lhor o serve.

Esmerado asseio. Preços módicos.

Rua Fernandes Tomaz n.º 756
(Próximo ao Bolhão)—PORTO.

ANUNCIO

Por este anúncio se faz saber que, por
sentença de seis do corrente, foi conver-
tida em divórcio a separação de pessoas
e bens, entre os conjugues Dona Josefa
Elvira Leão da Cruz Costa e João Ba-
ptista de Freitas Ribeiro, aquela proprie-
tária, desta cidade e este proprietário
também, do lugar de Toris, da freguesia
de Fermentões, desta comarca que a men-
cionada sentença transitou em julgado
Guimarães, 22 de Março de 1935.

Eu, Alfredo Alexandre Castanheira da
Fonseca, o escrevi.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Silva Leal.

Casa PIMENTA

RUA 31 DE JANEIRO

Telefone 180

Participa aos seus fregueses que tem um grande sortido em casimiras, artigo fino e novidades, sendo um assombro a colecção de "COÍMBRA,,. Além dos artigos de novidade tem lotes de casimira que vende com grandes descontos, podendo garantir que ninguém pode oferecer as vantagens que esta casa oferece.

Para 20, 25, 30, 35, 40, 45 e 50 Escudos, cada metro, tem dezenas de padrões, os quais sofreram uma desvalorização de 25 por cento, em virtude das boas compras que fez.

Convida todos os felizes que fizeram as suas compras ao «PECHINCHEIRO» que por aí anda, a fazerem uma visita a este estabelecimento para se convencerem de que há em Guimarães uma casa que lhes vende melhores artigos em mais vantajosas condições, podendo também oferecer a cada cliente um fato desde que lhe venda por mais do dobro do seu valor, que é precisamente o que «ELE» faz.

Artigos que sofreram consideráveis baixas de preços :

Um lote de fatos Sporteços que se vendiam a 28\$00, passaram para 15\$00. Um lote de fatos novidade que se vendiam por 70\$00, vendem-se agora por 40\$00 e 45\$00. Um lote de fatos que eram de 25\$00, vendem-se agora por 15\$00.

75 peças de fantasia de lã para vestidos de senhora desde 7\$00 a 17\$00, em grandes novidades.

MIL E OITOCENTOS METROS de popelines para camisas que vendia a 9\$00, vende, presentemente, a 5\$50 a 6\$00.

Além destes artigos tem muita variedade em artigos finos, tecidos, crepes, sedas de todas as qualidades, moils de lã e algodão, lainetes, chitas, percais, popelines, riscados, cotins e toda a série de miudezas.

Grande variedade em chales de peluche, lã dos Pirineus, argola, merino, seda, aos melhores preços.

Grande quantidade de lenços de seda tapete, a 15, 20, 25 e 30 Escudos, cada.

Formidável colecção de peluches e panos para casacos de Senhora.

E' incontestavelmente esta casa a única que marca pelos seus preços e pelo seu sortido.

ANTES DE FAZEREM AS SUAS COMPRAS

Visitem a filial da CASA PIMENTA MACHADO.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27163

Paulino de Magalhães GUIMARÃIS

Participa aos seus Ex.^{mos} fregueses e amigos que abriu o seu novo estabelecimento, denominado **CASA CONFIANÇA**, junto á igreja de S. Pedro, aonde, por preços muito limitados, encontrarão um grande e variado sortido de fazendas de lã, seda e algodão, malhas e miudezas, etc., etc. Desde já agradece, muito reconhecido, uma visita à sua nova casa, pois os seus preços são honestos e dentro dessa honestidade acompanhará os preços da concorrência leal.

ALFAIATARIA

DE

Jacinto José Ribeiro

(Ribeiro, Filho)

Participa aos Ex.^{mos} fregueses e amigos que já recebeu grande sortido de fazendas para a estação de Verão, em padrões de alta novidade, as quais tem a preços excepcionais expostas na sua vitrine, no Largo Conselheiro João Franco.

Telefone, 177

GUIMARÃIS

ADUBOS QUÍMICOS, SULFATO DE COBRE E FERRO,
ÓLEO DE MENDOBI E ENXOFRES;
ÁCIDO SULFÚRICO, GLOREYOS LINHAGENS PARA SAGOS
E FARDOS, E OUTROS PRODUTOS da

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

da qual são revendedores autorizados

ANTÓNIO DE ARAÚJO SALGADO & C.^a

Rua 31 de Janeiro

que acaba de montar no seu estabelecimento uma secção destes artigos e de outros das melhores procedências, tais como

BATATA DE SEMENTE — Up-to-date — Irlandesa — em depósito
— Magestic — Idem —
— Bintje — Holandesa —
King Edward, Great-Scot, Ken's Pink — Irlandesas —
Eigenheimer — Holandesa —

Prestam-se quaisquer esclarecimentos e garante-se que os preços estão em concorrência com o mercado local.

BENJAMIM DE MATOS & C.^a, L.^{da}

Toural, 105. Telefone 64



LOJA DO LEQUE

BENJAMIM DE MATOS, participa que retomou a Gerência do seu antigo estabelecimento, «LOJA DO BENJAMIM», a casa que mais barato vende e que maior sortido tem.

Mais participa que já recebeu um completo sortido de verão, artigos de Grande Novidade em fazendas de lã, modas, sedas, fantasias, popelines, opalines, malhas, chales e lenços de lã e de seda, echarpes e véus de seda, sombrinhas, fazendas brancas, botões de fantasia e miudezas. Papéis pintados para forrar casas, lambris, vitragens e oleados das principais fábricas nacionais e estrangeiras. Aconselhamos, no próprio interesse dos nossos Ex.^{mos} Clientes e do público em geral, a dar-nos a preferência nas suas compras, pois os 30 anos de existência da nossa casa, trilhando sempre o bom caminho, são a melhor garantia dos seus bons preços e da lealdade das suas transacções.

Visitem sempre esta casa e quando o não possam ou não queiram fazer, requisitem as suas colecções que se enviarão a toda a parte. E' só pedirem ao **Telefone 64** — Guimarães.

BREVEMENTE: Exposição de Novidades.

AVISO — Esta casa tem atelier aonde a execução é perfeita e confeccionada pelos últimos modelos, dirigido pela sua proprietária, Esménia Augusta de Matos — Rua de Gil Vicente, 17.

Possuimos, também, mostruário de sedas e fazendas de lã, última moda, que vendemos pelos preços das principais casas do Porto e Lisboa.